



**UNIVERSIDADE DE BRASILIA UNB
FACULDADE DE PLANALTINA FUP**

CÉLIA RODRIGUES DOS SANTOS

**DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR DAS MÃES
NA LEdoC UnB**

Planaltina - DF

2019

CÉLIA RODRIGUES DOS SANTOS

**DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR DAS MÃES
NA LEdoC UnB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de linguagem

Orientadora: Prof^a Dr^a Clarice dos Santos

Planaltina – DF

2019

CÉLIA RODRIGUES DOS SANTOS

**DESAFIOS DE ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR DAS MÃES
NA LEdoC UnB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília-UnB, como requisito parcial para a obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens

Aprovado em _____ / _____ / 2019

Banca Examinadora:

Prof.Professora Orientadora – Prof^a Dr^a Clarice dos Santos

Examinador

Examinador

**Planaltina – DF
2019**

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver menino sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em sala sem ar com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.
Drummond

Dedico essa monografia a todos meus familiares, em especial para meu filho Victor Hugo Rodrigues da Silva Marques por ter sempre compreendido que mamãe precisava sair para estudar e ele tinha de ficar com suas avós. Meus pais, Celina Rodrigues dos Santos e Miguel Ferreira Lopes por sempre acreditar na minha vitória. Minha mãe sempre foi a minha base em todas as decisões da minha vida, pois mesmo com tantas dificuldades que surgiu nessa caminhada, ela sempre estava presente me dando força. A todas as mães da LEdoC que conseguiram vencer e chegar ao ensino superior mesmo com tantas dificuldades. A todos os professores pelo vasto aprendizado que nos foi transmitido nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de cursar um ensino superior sempre acompanhado todas as minhas dificuldades me dando força para trilhar esse caminho. Dedico esse trabalho a minha mãe Celina Rodrigues dos Santos que sempre me apoio nesse caminho rumo ao ensino superior, dedico ao meu pai Miguel Ferreira Lopes que mesmo não estando entre nós sempre sonhou com essa realização. Aos meus familiares pelo apoio durante essa etapa trilhada na minha vida.

Agradeço ao meu filho Victor Hugo pela compreensão da minha ausência, mesmo sendo tão pequeno sempre me apoio.

Agradeço a minha orientadora Clarice pela dedicação e apoio na elaboração desse trabalho.

Agradeço aos meus colegas da turma Ganga Zumba da Licenciatura em Educação do Campo pelo companheirismo durante todos esses anos.

Agradeço em especial a minha amiga Marinez Rosa da Costa Serafim pelo apoio durante toda essa caminhada me dando força a cada etapa rumo a esse grande sonho.

À Jordana Lima, Beatriz Vidal, Adilene Bispo e Marília, amigas de quarto da universidade que nas horas mais difíceis tinha conselhos valiosos.

A todos os professores e equipe que trabalham na Licenciatura em Educação do Campo, que fizeram parte dessa grande caminhada rumo ao Ensino Superior.

A equipe da Ciranda, em especial as professoras Eliete e Elizana que sempre acreditou que as mães que levaram seus filhos para a Universidade poderiam estudar e as crianças ficassem na Ciranda com ótimos cuidados durante esse período.

À equipe examinadora da minha banca de defesa, professora Elizana Monteiro e professora Joelma por terem aceito esse desafio junto comigo.

LISTA DE ABREVIATURAS

CNE – Conselho Nacional de Educação

DF – Distrito Federal

FUP – Faculdade da UnB Planaltina

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

TC – Tempo Comunidade

TE – Tempo Escola

UNB – Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho versa sobre os desafios do acesso e permanência das mulheres mães na LEdoC/UnB. Analisa as condições de acesso e permanência das mães ledoquianas na UnB, refletindo sobre as dificuldades enfrentadas por elas em seu percurso na graduação, bem como as possibilidades de superação dos limites identificados. Teve como metodologia a pesquisa qualitativa, onde além da revisão bibliográfica também foi utilizada a pesquisa de campo com 6 acadêmicas do curso de Licenciatura em Educação do Campo, nas turmas Ganga Zumba e Maria Carolina de Jesus. Conclui-se que a Ciranda Infantil trouxe para essas mães a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos.

Palavras chave: Educação do Campo; Mulheres-mães; LEdoC; Ciranda Infantil; Solidariedade.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Como a Ciranda dialoga com o curso de Licenciatura em Educação do Campo?.....	33
Quadro 2: Como é a participação das mães e pais na Ciranda?.....	33
Quadro 3: Quais os desafios da Ciranda em relação ao curso e em relação às mulheres mães?.....	34
Quadro 4: Como Você concilia a maternidade ser mulher e estudante ao mesmo tempo na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)?..	34
Quadro 5: Você trouxe seus filhos para LEdoC? Por que?.....	35
Quadro 6: Quais as dificuldades encontradas ao trazer seu filho ou filha para LEdoC?.....	36
Quadro 7: Como ficou a relação familiar (companheiro, pais e filhos) ao ingressar na LEdoC?.....	37
Quadro 8: Quais foram suas primeiras impressões ao deixar a criança na Ciranda Infantil?.....	38
Quadro 9: Como era sua relação com os educadores infantis?.....	38
Quadro 10: Quais os problemas vivenciados na Ciranda?.....	39
Quadro 11: Qual o papel da Ciranda Infantil na LEdoC?.....	40

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
<u>CAPÍTULO I – A SITUAÇÃO DAS ESTUDANTES MULHERES COM FILHOS NA LEdoC</u>	13
<u>1.1 Revisão bibliográfica – Trajetória da inserção das mulheres na formação docente de nível superior no Brasil</u>	16
<u>CAPÍTULO 2 – CIRANDA INFANTIL – A EXPERIÊNCIA LEDOQUIANA</u>	23
<u>2.1 Primeiros passos na Ciranda infantil nos movimentos sociais</u>	23
<u>2.2 A Ciranda Infantil na LEdoC seu processo pedagógico</u>	24
<u>CAPÍTULO 3 – AS CONDIÇÕES DE ACESSO E PERMANÊNCIA DAS MÃES LEDOQUIANAS NA UnB E A CIRANDA INFANTIL – LIMITES E POSSIBILIDADES</u>	29
<u>3.1. Locus da Pesquisa</u>	29
<u>3.2 Sujeitos da Pesquisa</u>	30
<u>3.3 Instrumento da Pesquisa</u>	30
<u>3.2.1 Resultados e análise dos resultados da pesquisa</u>	32
<u>3.2.2 Entrevista com a professora Elizana</u>	32
<u>3.2.3 Pesquisa realizada com as mães ledoquianas</u>	33
<u>CONCLUSÃO</u>	40
<u>REFERÊNCIAS</u>	42
<u>Anexo 1</u>	45
<u>Anexo 2</u>	46

INTRODUÇÃO

A Ciranda Infantil da LEDOC/FUP/UnB foi iniciada, enquanto herança dos Movimentos Sociais do Campo, em conjunto com a primeira turma do curso, em 2007, e se tornou um projeto de extensão articulado ao ensino e à pesquisa, a partir de 2011, se propondo a oferecer um espaço de recreação, de cuidado e de educação para as crianças, filhas de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UnB, com o propósito de possibilitar a permanência e a continuidade dos estudos dessas mulheres o que evitaria, assim, a evasão delas e garantiria também os seus direitos.

A existência desse espaço é uma necessidade social, cultural, econômica e afetiva, especialmente das mães/estudantes, visto que, na maioria das vezes, quem leva as crianças para o curso são as mulheres. Elas somente podem frequentar as aulas, durante o tempo em que estão na universidade (Tempo Universidade - TU), com o apoio do projeto. A necessidade da presença das crianças se deve ao fato de estarem amamentando, pelo forte vínculo afetivo e de dependência emocional entre ambas, e/ou porque não têm com quem deixá-las para participar das atividades acadêmicas.

Para as mulheres e crianças camponesas, a exigência por esse direito exacerba-se. A negação histórica do acesso ao ensino superior pelo campesinato se defronta com as resistências dos movimentos sociais e universidades públicas, que acabaram por se desdobrar em políticas públicas e cursos de formação, com a luta, sempre necessária, para mantê-los e ampliá-los. Na outra ponta, há ainda baixa oferta de Educação Infantil pública no Brasil, principalmente para as crianças de 0 a 3 anos (creche), e nos territórios camponeses esse quadro é ainda mais complexo, já que são raras as instituições que oferecem essa etapa da Educação Básica, conforme demonstram os tristes dados do último Censo da Educação (2017).

A Ciranda da LEdoC/UnB, com todos os seus desafios e avanços, insere-se nesse contexto como expressão da luta e possibilidade concreta de acesso e permanência das mulheres-mães camponesas no ensino superior e de vivência da Educação Infantil por parte das crianças, seus filhos e filhas.

A monografia está dividida em três capítulos, sendo o capítulo 1 aborda-se a situação das estudantes mulheres com filhos na LEdoC, no capítulo 2 a Ciranda

Infantil nos movimentos sociais; a Ciranda Infantil na LEdoC e seu processo pedagógico, já no capítulo 3 trata-se das condições de acesso e permanência das mães ledoquianas na UnB e a Ciranda Infantil – limites e possibilidades; resultados da pesquisa e análise da pesquisa.

CAPÍTULO I – A SITUAÇÃO DAS ESTUDANTES MULHERES COM FILHOS NA LEdoC

Com muita luta, grupos de mulheres começam a se organizar e a lutar pelo direito de ingressarem em uma faculdade. O preconceito, a resistência e o machismo impediam, e impedem, as mulheres de terem acesso a uma educação mais universalizada. Somente quando começam os chamados movimentos feministas, é que a mulher começa a ocupar um espaço de direito na sociedade produtiva, deixando de ser apenas aquela figura decorativa dos lares e também dos serviços domésticos. Mas, continua a luta para que ela comece a ocupar vários postos de trabalho em diferentes áreas do conhecimento. Em passos curtos e espaçados começam as conquistas que pequenas ou grandes, são significativas. A partir do início da década de 1930 é que a mulher adquire o direito de votar e ser votada, em todos os âmbitos da política brasileira.

Embora exista muito preconceito e até mesmo machismo em relação a essa evolução, segundo Faustino (2014), em todos os níveis e cursos e em todas as universidades brasileiras 50% hoje, são de mulheres. Isso demonstra que em um século a mulher percorreu um longo caminho, mas que ainda há muitos a serem percorridos.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) é um curso regular espalhado em alguns estados do país e realiza-se no sistema de alternância, subdividindo-se em Tempo Escola e Tempo Comunidade. Tem como objetivo formar professores e educadores para as escolas do campo e surgiu de lutas de movimentos populares. Anualmente, na UnB são oferecidas de 60 a 120 vagas, para alunos que residam no campo, e pertençam aos estados de Goiás e DF/Entorno. A matriz curricular propõe uma estratégia inter e multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em três áreas do conhecimento (com ênfase em Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens). O curso tem um público-alvo bem específico: moradores ou trabalhadores do campo que queiram trabalhar ou já trabalham como educadores nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio, na gestão escolar ou comunitária. Segundo Santos (2015).

Um dos objetivos da proposta pedagógica é manter os estudantes no meio em que vivem, mesmo durante a graduação. Por isso, desde o primeiro semestre, os educandos alternam o aprendizado entre a universidade e a

vida na comunidade. As etapas do curso estão formadas por um TU (Tempo Universidade), e um TC (Tempo Comunidade). O TU contempla a execução de atividades pedagógicas que buscam levar em conta a interdisciplinaridade, a questão ambiental, econômica, social e educativa da realidade do campo. A compreensão e o desenvolvimento da comunidade são a centralidade das ações pedagógicas do curso. TC e TU formam um todo, articulado, entre teoria e prática (SANTOS, 2015, p. 33).

O Tempo Escola ou Tempo Universidade (TU) dura cerca de 55 dias, durante o qual são realizados estudos que buscam a relação entre teoria e prática. No Tempo Comunidade (TC) os educandos desenvolvem ações resultantes do planejamento de TU. Segundo Machado (2015), a metodologia da Alternância orienta o trabalho educativo da LEdoC.

A LEdoC tem como perspectiva a formulação de uma Educação baseada nos saberes e experiências vividas no Campo, bem como na valorização do ser humano e suas especificidades. Propõe uma Educação que considere o histórico e lutas dos Movimentos Sociais do Campo. Sua proposta de formação vai além da docência, ou seja, o educador atuará na gestão de processos educativos tanto na escola quanto na faculdade.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC, enquanto proposta de atendimento e formação para as populações do campo, busca oferecer aos seus estudantes as condições adequadas para que possam permanecer alojados durante o Tempo Universidade. Em muitos casos são mães estudantes que não podem deixar seus filhos, ou por serem pequenos, ou porque não existem condições de deixá-los na comunidade. Inspiradas na tradição dos movimentos sociais, de incorporar a mães, juntamente com seus filhos nas tarefas coletivas, alguns professores do curso, com o apoio da direção da Faculdade, implementaram, através de um projeto de extensão, uma sala de recreação para acolher as crianças enquanto as mães estão em aula (SANTOS, 2015).

A Ciranda pretende ser um espaço de pesquisa e extensão que possa contribuir na formação dos/as educandos/as da LEdoC e também proporcione uma formação continuada de cirandeiras/educadoras, tendo em vista que todo ano ingressam estudantes na LEdoC que necessitam do seu atendimento.

Diante disso, a proposta é que a Ciranda Infantil seja um espaço permanente na FUP em que se possa oferecer a possibilidade e a continuidade dos estudos para pais e principalmente mães que têm crianças

pequenas (0 a 4 anos), evitando a evasão e possibilitando uma formação pedagógica que atenda aos interesses dos educandos, educadores e cirandeiras. Além de oferecer espaço de reflexão e pesquisa sobre as contribuições da Ciranda para a LEdoC e para a educação da criança do campo (SANTOS, 2015, p. 38).

Esse projeto tem o objetivo de mostrar os desafios das mães ledoquianas para terminar o ensino superior, envolvendo o apoio da família e sociedade nessa trajetória, Mulheres que são donas de casa trabalham fora e tem o sonho de terminar a graduação para uma melhor qualidade de vida no campo. Esse projeto objetiva resgatar o processo de identidade feminina. Levando em consideração que essa luta pelos direitos femininos na sociedade não seja recente.

A mulher em sua trajetória histórica lutou muito pelo direito à educação superior, nesse sentido muitas lutas foram vencidas, mas mesmo assim a mulher tem jornada dupla ou tripla de trabalho, em casa, na escola, na faculdade. Ainda existe o conceito de que a mulher deve ser a cuidadora do lar e dos filhos, tarefas árduas e diárias, por isso, ao entrar no curso LEdoC, além da carga que a mulher já carrega há a dificuldade da mesma em conciliar o curso com os filhos, como fazer para não negligenciar nem um nem outro. Para amenizar este problema que foi criada a Ciranda infantil no espaço LEdoC, para que as mães possam desempenhar seu papel acadêmico com mais tranquilidade. Contudo, é preciso pesquisar mais para que se saiba em sentido amplo as dificuldades dessas mulheres para permanecerem e concluírem sua formação superior, e é nesse sentido que a proposta deste trabalho a ser realizado vem questionar problemas e buscar soluções através de pesquisa de campo e pesquisa bibliográfica, buscando esclarecer, entender e propor soluções à temática abordada.

De acordo com Faustino (2014), é necessário criar espaços onde as mães possam deixar seus filhos, um espaço na universidade, para que possam com maior tranquilidade se dedicar a sua formação acadêmica, esses espaços devem ser atraentes para as crianças, que em maioria, sairão do campo para um espaço urbano. No campo essas crianças tem a liberdade de correr, de brincar no quintal, de realizar atividades no espaço amplo faz parte de seu cotidiano. No espaço da universidade encontrarão espaços reduzidos. Outro fator a ser considerado é a alimentação das crianças que deve ser balanceada e de acordo com a faixa etária

de cada um, também um espaço em que a criança esteja confortável e também um espaço de aprendizagem.

O Dicionário de Educação do Campo, no verbete Ciranda Infantil, escrito por Edna Rosseto e Flávia Tereza da Silva (2012) explica

O alojamento e a Ciranda infantil são determinantes para a permanência e conclusão do curso. O trabalho pedagógico se funda na necessidade das crianças [...] os educadores organizam e planejam os espaços pedagógicos de forma a garantir o equilíbrio entre as diferentes atividades – dirigidas, livres, individuais ou coletivas. [...] O ambiente das Cirandas Infantis é organizado de maneira que a experiência pedagógica apareça nesse ambiente. Por ambiente educativo, entendemos tudo o que acontece na vida da Ciranda, dentro e fora dela. (ROSSETO; SILVA, 2012, p. 126)

1.1 Revisão bibliográfica – Trajetória da inserção das mulheres na formação docente de nível superior no Brasil

A pesquisa para este projeto se baseou em uma revisão bibliográfica com apoio em artigos que falam das dificuldades enfrentadas por mulheres e mais ainda daquelas que são mães, na continuidade da vida escolar e acadêmica. Os artigos são depois comparados à realidade da estudante campesina, assentada, quilombola, periférica, jovem ou adolescente, que neste caso, são representadas por Ferreira (2011) que argumenta

As mães-adolescentes tendem a desistir da educação formal, seja porque as escolas não oferecem condições para que as frequentem, porque os cuidados com o filho não lhes deixam tempo para desempenhar outras tarefas, seja ainda por falta de perspectiva de uma colocação decente futura no mercado de trabalho. O que deve ser evitado é uma relação causal simplista entre maternidade e desistência da educação formal. No que tange às políticas públicas, a melhoria da condição de vida das mães-adolescentes e seus filhos não se daria pela diminuição de seu número, mas por políticas de inclusão, em termos de compatibilizar educação formal e cuidado com filhos, de preparação para o mercado de trabalho e da oferta de equipamentos e serviços de cuidados com seus filhos.(FERREIRA, 2011, p.316)

Já na faculdade e cursando ou tentando cursar a Licenciatura em Educação do Campo e onde a Ciranda é tida como um auxílio a estas mães, as mulheres tem ainda muitos desafios. Sobre a historicidade destes desafios a professora Joelma, da LEdoC, campus Planaltina, em aula¹ explica

¹ Banca de qualificação, 05 de novembro de 2018

[...] pensar o lugar das mulheres no sistema educacional (em todos os níveis). Em termos históricos, no ocidente, as mulheres serão proibidas de acessar à educação formal a partir da chamada Idade Moderna, aquele período que mulheres sábias e autônomas foram caçadas e assassinadas sob a acusação de “bruxaria”, as últimas “bruxas” do ocidente foram queimadas no século XIX. O movimento feminista “nasce” no século XIX, e foi construído por mulheres brancas das classes abastadas que excluíram as mulheres não brancas. Os feminismos do século XX, em sua maioria, não faziam o recorte racial, no Brasil, foram mulheres negras como Lelia Gonzalez, Sueli Carneiro, Jurema Werneck, Luiza Bairros e Edna Roland, para citar nossas pioneiras, que fundaram o “feminismo negro” e elaboraram a ideia de interseccionalidade mostrando que devemos pensar desde três categorias : raça, classe e gênero.

Por que digo isto? Por que afirmar que no século XX as mulheres acessaram à educação formal em todos os níveis não corresponde à realidade das mulheres negras no Brasil, as mulheres que ingressaram nas universidades eram majoritariamente brancas das classes média e alta, moradoras dos grandes centros urbanos. A condenação do povo preto à pobreza e ao analfabetismo, foi (e ainda é) uma das faces do genocídio do nosso povo. A grande maioria mal consegue concluir o ensino médio (ainda hoje). Assim, as universidades não tiveram que se preocupar com mães negras, pelo simples fato de que não estávamos nas universidades.

Daí a importância da Ciranda Infantil: a presença de mulheres mães da classe trabalhadora exige que sejam construídos instrumentos estratégicos que viabilizem a permanência destas mulheres.

Há ainda outro elemento: uma vez que vivemos em uma sociedade de supremacia masculina, as crianças são entendidas como responsabilidade das mães ou de outras mulheres da família. Assim, liberamos os homens dos cuidados com as crianças e sobrecarregamos as mulheres.

[...] É preciso, discutir o patriarcado, é preciso criar estratégias pedagógicas para que os pais e demais homens da família, aprendam e se comprometam com os cuidados devidos às crianças. Enfim, é preciso repensar as masculinidades, repensar a paternidade e o “cuidar”, que não deve ser individualizado e sim, coletivizado. (JOELMA, 2018)

A mulher camponesa por exemplo, como já foi dito, só passa a ter oportunidade legal para estudar e chegar ao nível superior, no século XXI, com a lei que estimula o direito público por meio da educação em regime de alternância. Como afirma o SECAD (2007, p.16):

A Constituição de 1988 é um marco para a educação brasileira porque motivou uma ampla movimentação da sociedade em torno da garantia dos direitos sociais e políticos, dentre eles o acesso de todos os brasileiros à educação escolar como uma premissa básica da democracia. Ao afirmar que “o acesso ao ensino obrigatório e gratuito é direito público subjetivo” (Art. 208), ergueu os pilares jurídicos sobre os quais viria a ser edificada uma legislação educacional capaz de sustentar o cumprimento desse direito pelo Estado brasileiro. No bojo desse entendimento, a educação escolar do campo passa a ser abordada como segmento específico, prenhe de implicações sociais e pedagógicas próprias

Pode-se afirmar que no decorrer do século XIX houve poucas mudanças em relação à educação feminina, em decorrência das condições econômicas, políticas e culturais brasileiras. No final deste século, conforme Aranha (2006, p. 229), “a criação da seção feminina na Escola Normal da Província, em 1875”, abriu a possibilidade de jovens mulheres se profissionalizarem “na carreira do magistério”. E neste período, a educação escolar de crianças e jovens se torna efetivamente uma das possíveis profissões destinadas à mulher e aceita pela sociedade. Porém, ainda de acordo com a autora, o acesso ao ensino superior continuava sendo vetado às mulheres, sendo que os exames eram restritos aos homens, isso porque não se exigiam diplomas, mas era necessário fazer os exames preparatórios aplicados pelo Colégio D. Pedro II., destinados exclusivamente ao público masculino (ARANHA, 2006, p. 230). As mulheres então, achavam-se excluídas da possibilidade de acesso aos cursos superiores, mesmo que se preparassem adequadamente em escolas particulares ou com preceptores.

Criaram-se as primeiras instituições destinadas a educar as mulheres, embora com currículos diferenciados. As escolas normais foram o principal lugar de formação profissional feminina, mas eram poucas e com matrículas numericamente insignificantes e de acordo com Beltrão (2009), ao sexo feminino competia, primeiro, a educação primária, com forte conteúdo moral e social, dirigido ao fortalecimento do papel da mulher como mãe e esposa. A educação secundária feminina ficava restrita, em grande medida, ao magistério, como já citado aqui, à formação de professoras para os cursos primários. As mulheres continuaram excluídas dos graus mais elevados de instrução durante o século XIX (BELTRÃO, 2009, p. 128).

Sabe-se que tal “dominação masculina” na sociedade atua muito fortemente na esfera privada, onde as mulheres acumulam as funções tradicionais de companheiras, mães e donas de casa, com a profissão, e não significa frequentemente, que isto seja acompanhado de uma real divisão de trabalhos com os companheiros e/ou com o restante da família. Lígia Amâncio e João Oliveira (2002), defendem que a emancipação das mulheres através do trabalho não passa de um mito, uma vez que as mulheres continuam a estar sobrecarregadas, quer com a profissão, quer com o trabalho doméstico, “o que criou nas mulheres trabalhadoras a identidade de super-mulher” (AMÂNCIO E OLIVEIRA, 2002, p. 51).

Em artigo intitulado “Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de género, origem sociocultural e percurso académico dos alunos”, existe

a citação de que para as mulheres de hoje há uma “abertura generalizada e a aparente democratização do acesso” (ALMEIDA ET AL., 2006, p. 513), mas o fato é que, pelo menos no Brasil, embora existam alguns homens dispostos a abrir mão de preconceitos machistas, Fontaine (2004) observa que “apesar de tanto homens como mulheres ambicionarem e considerarem desejável uma divisão mais igualitária do trabalho doméstico e de cuidado dos filhos, estas atividades continuam a ser uma responsabilidade maioritariamente feminina.” (FONTAINE, 2004, p.97). Isto claramente torna a vida acadêmica, para a mulher muito mais difícil e complicada.

Outro artigo, que trata de mulheres que além da vida estudantil, pretendam seguir carreiras específicas nas áreas das ciências, aponta que muitas vezes esta divisão de responsabilidades e tarefas domésticas entre as mulheres que decidem seguir uma carreira no campo da ciência e seus maridos não ocorre, tendo elas que assumir multitarefas impostas pela condição de esposas e mães. Para Schiebinger (2001)

Os arranjos domésticos são parte da cultura da ciência. Apesar da distinção histórica entre as esferas doméstica e pública, a vida privada não está separada da vida pública. E o conflito que muitas mulheres encontram entre família e carreira também não é apenas um assunto privado. (SCHIEBINGER 2001, p. 183)

E no artigo “Um olhar sobre as mulheres negras e o ensino superior no Brasil”, publicado no Geledés (2014) destacam-se estes argumentos

Desigualdades de gênero, para além das ditas inequidades raciais, marcam o acesso, permanência, fluxo e desempenho em todos os níveis da educação nacional. Sabendo que as mulheres negras são vítimas do preconceito tanto sexista quanto racista.

[...]

A educação pública no Brasil, a reflexo do próprio Estado brasileiro, não tem lá um passado muito agradável de se contar. Escolas segregadas por sexo marcaram os primórdios da escolarização no Império, a escravidão alijou da esfera educacional a população negra, o poder público comprometido com as oligarquias fez pouco caso da democratização do ensino, uma educação dual (intelectual para a elite, mecânica para pobres) atravessou o século passado inteiro. Pior, essas desigualdades deixaram marcas profundas no sistema educacional da atualidade. Ainda pior, as mudanças não têm sido sempre movidas pelos ventos mais promissores. (GELEDÊS, 2014)

O artigo Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas, de Wender Farias e Magno Nunes Farias (2017), traça o perfil das

mulheres que ingressam na universidade, sobretudo no curso de Licenciatura em Educação do Campo

O perfil das mulheres é de idade superior a 30 anos, moradoras da zona rural ou municípios rurais, casadas, afrodescendentes ou brancas, e com filhos. A inserção na LEdoC causou grandes impactos na vida dessas mulheres e na consolidação de suas identidades, qualificando-as e empoderando-as como mulheres capazes de transformar as relações patriarcais do campo. O processo de inserção na licenciatura, ao mesmo tempo em que faz com que essas mulheres tomassem outros papéis sociais e começassem a se reconhecer com sujeitos, a partir da valorização dos seus saberes e de seus modos de vida, também contribui para a transformação de uma marca cultural (o patriarcado) que assola a cultura camponesa. Assim, há um processo de valorização cultural de forma crítica, rompendo relações de dominação, inferiorização e subordinação dessas mulheres (FARIAS, 2017, p.833)

E ainda

[...] que o perfil de ingresso nessa licenciatura é de professoras que já atuam nas escolas do campo, camponesas, mães de família etc. (FARIAS, 2017, p.840)

Os autores trazem dados importantes, relevantes na justificativa sobre a necessidade da Ciranda Infantil na universidade

Verificou-se que 37,5% (9) das mulheres são solteiras e vivem com os pais, com os filhos ou sozinhas; a grande maioria, 62,5% (15), é casada e vive com esposo ou cônjuge. Do total, 87,5% (21) possuem filhos, e apenas 12,5% (3) não possuem. Dessa forma, verifica-se que a maioria das mulheres que cursam essa licenciatura é casada e tem filhos. Isso pode estar relacionado com a maior idade, que também contribui para o estabelecimento de uma família, seja por vontade própria ou pelas diversas pressões sociais que as mulheres sofrem para ser mãe e se casar, tendo relação com outros fatores sociais e subjetivos. (FARIAS, 2017, p.840)

Ou seja, se há cerca de 87% de mulheres com filhos em uma única universidade, em um único curso, e os artigos e autores consultados apontam para as dificuldades e falta de apoio à estas mulheres pela sociedade na qual estão inseridas, é possível perceber claramente um grande desafio sobretudo para a universidade.

Não há como falar dos desafios da Educação do Campo e das opressões sofridas por seus sujeitos sem falar de Paulo Freire (1980) que assume a importância do desenvolvimento que transcende a simples capacidade de intervenção e consciência da opressão quando diz que

[...] esta tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência. A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de

apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1980, p. 26)

O autor, cita o conceito de oprimido quando fala, entre outras, de minorias étnicas e de gênero, discutindo a situação que o oprimido vive, estando na condição de “colonizado” pelo opressor, pelo fato de este adotar como sendo suas as normas e valores daquele que o oprime (FREIRE, 1970). Entende-se segundo este estudo que seja o caso das mulheres oprimidas por uma sociedade que lhes oprime e lhes nega direitos iguais como ser humano. Por isto, voltando a questão da conscientização volta-se ao autor quando diz “Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém.” Defendendo a necessidade de ensinar a pensar, criticar, e a propor soluções.

O dicionário de Educação do Campo também é fonte de contribuição para este trabalho e defende, no texto de Conceição Paludo e Vanderleia DARON (2012), no verbete Movimento das Mulheres Camponesas destaca que

A luta das mulheres vem de longe e, na atualidade, é possível dizer que está presente na maioria esmagadora dos países. No Brasil não é diferente: em todos os períodos de nossa história é possível verificar a presença das mulheres na luta pelos 23 direitos de cidadania, pelo reconhecimento do e no trabalho, pela igualdade de tratamento, enfim, na luta contra a exploração, a opressão, a discriminação, e a violência, com iniciativas que envolveram e envolvem tanto no espaço público quanto o privado. (PALUDO; DARON, 2012, p.481)

Dentro do tema das lutas das mulheres por igualdade, o professor de filosofia da LEdoC, Jair Reck, (2013), fala sobre o processo de educação dentro do MST, mostrando que a capacidade em organizar o mundo econômico vai além dos sistemas produtivos, todos e todas tem suma importância.

Repensando as relações de gênero (homem e mulher), as relações pedagógicas (pais e filhos) e as relações políticas ou de classes (companheiros). Para tal: Precisamos criar ou recriar a estrutura social. É por meio dela que as pessoas participam da sociedade, exercendo a sua cidadania e desenvolvendo a sua consciência social. (RECK, 2013, p.32)

Ou seja, as relações de gênero (entre outras relações) devem ser repensadas, reavaliadas e reconstruídas através da cooperação.

A ideia da Ciranda pretende ser uma destas formas de cooperação e sua intencionalidade é proporcionar às educandas e educandos com filhos de até 6 anos, preferivelmente em um espaço dentro da universidade onde se possa manter

as crianças em atividades pedagógicas supervisionadas por cirandeiras (cuidadoras) das próprias comunidades de origem dos estudantes, enquanto acontecem as aulas do curso.

CAPÍTULO 2 – CIRANDA INFANTIL – A EXPERIÊNCIA LEDOQUIANA

A Ciranda Infantil da LEDOC/FUP/UnB foi iniciada, enquanto herança dos Movimentos Sociais do Campo, em conjunto com a primeira turma do curso, em 2007, e se tornou um projeto de extensão articulado ao ensino e à pesquisa, a partir de 2011, se propondo a oferecer espaço de recreação, de cuidado e de educação para as crianças, filhas de estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo UnB, com o propósito de possibilitar a permanência e a continuidade dos estudos dessas mulheres o que evitaria, assim, a evasão delas e garantia também seus direitos (MEDEIROS et al, p. 63, 2018).

2.1 Primeiros passos na Ciranda infantil nos movimentos sociais

A existência desse espaço é uma necessidade social, cultural, econômica e afetiva, especialmente das mães/estudantes, visto que, na maioria das vezes, quem leva as crianças para o curso são as mulheres. Elas somente podem frequentar as aulas, durante o tempo em que estão na universidade (Tempo Universitário – TU), com o apoio do projeto. A necessidade da presença das crianças se deve ao fato de estarem amamentando, pelo forte vínculo afetivo e da dependência emocional entre ambas, e/ou porque não tem com quem deixá-las para participar das atividades acadêmicas (MEDEIROS, et al, p. 67, 2018).

De acordo com Moysés Kuhlmann (1998), um pedagogo dedicado à pesquisa historiográfica na área de educação infantil, pode-se dizer que a história da Educação Infantil inicia-se com a entrada da mulher no mundo do trabalho, fora do ambiente doméstico, como um imperativo do modo de produção capitalista (KUHLMANN JR, 1998), uma vez que com o aumento do número de mulheres trabalhando nas fábricas as mães operárias tiveram que encontrar soluções emergenciais deixando os seus filhos com outras mulheres ou familiares. Isto representou, por um lado, o início da exploração da mão de obra feminina, e por outro, significou a quebra do padrão mulher/doméstica (apenas), e o início da ruptura da submissão social e econômica ao gênero masculino. Para o autor, daí advém a necessidade originária de um espaço-tempo específico para receber as crianças enquanto suas mães trabalhavam. Pode-se dizer que história da Educação

Infantil inicia-se com a entrada da mulher no mundo do trabalho, fora do ambiente doméstico, como um imperativo modo de produção capitalista.

No Brasil, mudanças semelhantes aconteceram e por volta da segunda metade do século XX, foi necessária a aprovação de uma Lei que tratou da criação dos jardins de infância, como afirmam as autoras do artigo A História da Educação Infantil (PASSAMAI, 2009)

Na segunda metade do século XX, com o crescimento da industrialização e urbanização no país proporcionou um aumento de demanda de mulheres no mercado de trabalho, tendo uma grande procura por creche. Aconteceu então, uma importante mudança no início deste período: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional aprovada em 1961 (Lei 4024/61) que aprofundou a perspectiva apontada desta criação dos jardins de infância. (PASSAMAI, p. 6, 2009)

Com o passar do tempo, a partir das lutas empreendidas, sobretudo pelas mulheres, e dos esforços acadêmicos, essa concepção de Educação Infantil se ampliou para direito da mulher e, de forma especial, da própria criança, de encontrar seus pares para brincar, acessar conhecimentos sistematizados, ser cuidada e educada (CERIZARA, 1999) por adultos fora do ambiente familiar, os/as educadores/as.

Para as mulheres e crianças camponesas, a exigência por esse direito exacerba-se. A negação histórica do acesso ao ensino superior pelo campesinato se defronta com as resistências dos movimentos sociais e universidades públicas, que acabaram por se desdobrar em políticas públicas e cursos de formação, com a luta, sempre necessária, para mantê-los e ampliá-los. Na outra ponta, há ainda baixa oferta de Educação Infantil pública no Brasil, principalmente para crianças de 0 a 3 anos (creche), e nos territórios camponeses esse quadro é ainda mais complexo, já que são raras as instituições que oferecem essa etapa da Educação Básica, conforme demonstram os tristes dados do último censo da Educação (MEDEIROS et al, 2018).

A Ciranda LEdoC/UnB, com todos os seus desafios e avanços, insere-se nesse contexto como expressão de luta e possibilidade concreta de acesso e permanência das mulheres-mães camponesas no ensino superior e de vivência da Educação Infantil por parte das crianças, seus filhos e filhas.

2.2 A Ciranda Infantil na LEdoC seu processo pedagógico

A Ciranda Infantil na LEDOC/UnB constitui-se como um espaço de acolhimento e educação das crianças pequenas filhas e filhos das/dos estudantes do curso, tendo também como intuito contribuir na formação das (os) estudantes da LEdoC e também proporcionar uma formação continuada às (aos) cirandeiras (os) (MEDEIROS et al, 2018).

Cezário (2015) realizou a primeira pesquisa sobre a Ciranda da LEdoC, a fim de formar um banco de dados e disponibilizar esse para que se possa aprofundar a temática e oportunizar a quem tiver interesse o acesso a esse conhecimento. A Ciranda foi implementada por meio de um projeto de extensão, passando de uma sala de recreação, destinada a acolher as crianças enquanto as mães estão em sala de aula, para um espaço educativo e pedagógico que vai além da recreação.

A constituição da Ciranda, durante seus 10 anos de existência, aconteceu em estreita conexão com a implantação do curso de Licenciatura em educação do Campo. A sua trajetória foi marcada por dificuldades relativas à falta de espaço físico adequado, à falta de materiais didáticos, à falta de formação das/dos cirandeiros, à altíssima rotatividade, à ausência de recursos para garantir seu funcionamento. Esses fatores obrigaram os educadores da LEdoC a buscar soluções, algumas vezes precárias, improvisadas, de cuidado e atenção às crianças. Em mais de uma ocasião, a Ciranda teve seu espaço garantido no próprio alojamento dos estudantes, ocupando a sala e alguns quartos exclusivos para as mães e suas crianças (CEZÁRIO, 2015).

A Ciranda Infantil foi durante os quatro primeiros anos um espaço-tempo de cuidado compartilhado entre as (os) estudantes da LEdoC, especialmente as mães, pois não havia uma estrutura que atendesse as necessidades das crianças, cujo atendimento era feito com auxílio de voluntárias, ligadas aos movimentos sociais e às comunidades de onde vinham as (os) primeiras (os) estudantes do curso. A Ciranda recebeu recursos e materiais didáticos através de doações e se constituiu como um setor de trabalho da organicidade² desenvolvida em e pelas turmas. Coletivamente os desafios foram sendo superados, contribuindo para que as mães tivessem seu estudo assegurado (MEDEIROS, et al, 2018).

² Organização dos estudantes da LEdoC - UnB

Aos poucos, a Ciranda se tornou um Projeto de Extensão e hoje conta com uma equipe de profissionais: professores do quadro da Universidade, funcionário técnico pedagógico, estudantes de pós-graduação, pesquisadores/as, estagiárias de ensino médio e superior. Esse espaço é a expressão do esforço coletivo entre quem demanda e quem reconhece e respeita a necessidade que têm muitas mulheres de serem ao mesmo tempo mães e estudantes da LEdoC. Esta ação coletiva, nascida nos movimentos sociais populares e sindicais, provoca a luta pela ampliação do acesso aos direitos para todas as mulheres universitárias, não somente para aquelas vindas da Educação do Campo. Da mesma forma, ela nos incentiva à reflexão de que todas as crianças, filhas de estudantes da LEdoC- UnB, uma vez que suas mães sejam universitárias, têm o direito a um espaço para serem cuidadas e educadas. Um espaço no qual sejam reconhecidas como sujeito e, ao mesmo tempo, sejam respeitadas enquanto história, saber e desejo (CEZÁRIO, 2015).

Ao acolher as crianças,, a equipe de cirandeiras e cirandeiros cuida para que a Ciranda seja um espaço de garantia ao acesso aos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade e que as crianças se envolvam em um espaço, tempo, pessoas, instrumentos que dialoguem com seu mundo e realidade, seu contexto:

[...] instala-se uma dinâmica de determinações recíprocas: a cada idade estabelece-se um tipo particular de interações entre o sujeito e seu ambiente. Os aspectos físicos do espaço, as pessoas próximas, a linguagem e os conhecimentos próprios de cada cultura formam o contexto do desenvolvimento (GALVÃO, 2014, p. 39).

O Projeto da Ciranda busca aproximar-se à identidade dos sujeitos do campo, assim como a valorização da cultura e dos saberes, por acreditar que a identidade enraíza e mantém a pessoa ligada as suas origens, tornando-a sujeito. Os desafios atuais se concentram nos processos formativos com as crianças e educadoras(es), considerando o que trazem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Art. 40 DCNEIs, 2010), ao incorporar a noção de que a criança é um sujeito de direitos, o que, segundo esse documento:

As práticas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina,

fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Para tanto, o planejamento das atividades da Ciranda é elaborado em equipe, semanalmente, levando em conta os aspectos apontados no documento supracitado, por entender que essa é a razão primeira da formação da criança. Na concepção de Educação Infantil adotada pela Ciranda a criança é reconhecida como sujeito histórico, social e político, construtora de cultura. Nela, educar e cuidar são indissociáveis. Em outras palavras, todos os espaços e tempos são pedagógicos. As crianças dão sentido ao trabalho, dão vida ao espaço com sua criatividade, o seu fazer, o seu pensar. Sujeitos que têm o direito de dizer a sua palavra, em suas múltiplas linguagens (plástica, oral, corporal, cênica...), e que trazem consigo saberes, desejos e experiências desde a mais tenra idade. A essas crianças é dado e instigado o espaço de expressão, buscando-se, assim, uma educação emancipatória da infância (MEDEIROS, et al, 2018).

Encontra-se em Paulo Freire (1997) a ideia do respeito à autonomia e à dignidade de cada um como um imperativo ético. No seu entendimento, a prática educativa deve ser um testemunho rigoroso de decência e de pureza, isto é, deve estar eivada desse imperativo ético por ele defendido. Todos nós, mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fazemos seres éticos. Só somos porque estamos sendo. “[...] Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela” (FREIRE, 1997, p. 36-37).

E nem é possível sem o diálogo:

E que é o diálogo? É uma relação horizontal de A com B. Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé e da confiança. Por isso só o diálogo comunica. E quando os dois POIOS do diálogo se ligam assim, [...] se fazem críticos na busca de algo (FREIRE, 2007, p. 115).

Ética e estética andam juntas, de mãos dadas, porque envolvem decência e boniteza, afirma esse mesmo autor. Nesse sentido, a Ciranda traz em sua intencionalidade uma teoria que sustenta a prática diária em todas as esferas de sua atuação, procurando coerência entre o que diz e o que faz, para que as crianças possam viver e aprender, desde a sua mais tenra idade, os ideais de uma sociedade

eticamente justa, solidária, com base nos princípios da emancipação humana (FREIRE, 2007)..

A possibilidade de acesso à universidade constituía para a maioria dos das estudantes algo além de suas possibilidades, em função de suas condições materiais de existência. Sua permanência na Universidade se assemelha às condições do recém-assentado. Ocupar a terra não basta, é preciso garantir as condições para que se permaneça nela. Ocupar uma vaga nos bancos da universidade não é suficiente; é preciso garantir as condições para que se possa permanecer nela (CEZÁRIO, 2015). A autora afirma (2015, pg. 35), "que havia um reconhecimento, ainda que limitado, no âmbito das Políticas Públicas, da grande dívida da sociedade para com as populações tradicionalmente negligenciadas e discriminadas pelo Estado". Por suas especificidades, recursos diferenciados precisam continuar a ser oferecidos.

A proposta educacional pautada no sistema de alternância, da forma que está pensada na Educação do Campo, compreende que o sentido da escola depende de sua relação com a vida. Todo o esforço está dirigido ao fortalecimento da comunidade, de sua capacidade organizativa, a fim de quebrar um consistente e pernicioso ciclo vicioso de afastamento de toda e qualquer formação profissional da vida mesmo das comunidades, de suas necessidades e interesses por mudanças (CEZÁRIO, 2015).

Essa sistemática de formação educativa também alimenta os vínculos promovidos com a comunidade, que identifica, por meio da ação de seus estudantes de licenciatura, possibilidades de mudanças sociais (IBIDEM, 2014).

CAPÍTULO 3 – AS CONDIÇÕES DE ACESSO E PERMANÊNCIA DAS MÃES LEDOQUIANAS NA UnB E A CIRANDA INFANTIL – LIMITES E POSSIBILIDADES

A monografia utilizou como metodologia a pesquisa de campo com mulheres ledoquianas, através de entrevistas e questionários respondidos, bem como da observação, depoimentos e relatos da população pesquisada.

A pesquisa de campo é usada para extrair dados e informações diretamente da realidade através do uso de técnicas de coleta como entrevistas ou pesquisas para dar resposta a alguma situação ou problema abordado previamente. Toda pesquisa de campo deve abordar o problema que quer resolver e se ela pode ser realizada de forma e no prazo correto. Assim, começa a etapa exploratória que averigua o terreno e expõe as limitações do projeto como tempo, orçamento e objeto de estudo. A partir disso são construídos instrumentos utilizados para coletar dados (pesquisas, entrevistas, questionários, etc.), através dos quais proporcionam informações que são analisadas detalhadamente e por onde será possível extrair um índice provisório (FONTES, 2013, p, 12).

Também é utilizada a revisão bibliográfica utilizando pesquisas já realizadas por estudantes da LEdoC que trazem dados específicos sobre o tema, também foram abordados outros autores que tem trabalhos publicados sobre o assunto, autores como Fontes (2013), Santos (2015) Faustino (2014), dentre outros.

São quatro os produtos-alvos da revisão bibliográfica:

1. A fundamentação teórica;
2. O estado da arte sobre o assunto mais geral;
3. O estado da arte sobre o tema mais restrito;
4. E a fundamentação metodológica e o estado da técnica relacionados aos procedimentos metodológicos escolhidos. Todos os produtos-alvos da revisão bibliográfica têm a função de garantir que o autor não reinventará a roda: que avaliará o que terceiros já estudaram e compilaram, e que não fornecerá a mesma resposta para a pergunta que alguém já fez. Porém, cada produto-alvo possui suas particularidades (FONTES, 2013).

A pesquisa foi também de cunho qualitativo, que é um método de investigação científica que se foca no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais, por exemplo. Normalmente, as pesquisas qualitativas são feitas com um número pequeno de entrevistados (FONTES, 2013).

3.1. Locus da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Curso de Licenciatura em Educação do Campo UnB Campos de Planaltina Distrito Federal. O público foi de homens e mulheres do campo em busca do Ensino Superior e formação docente por área de conhecimento, pessoas que vem de comunidade Quilombola, Kalunga e assentamentos da Reforma Agraria.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), tem dez anos de existência. Segundo Molina (2017), A política pública para formação docente, é conquistada a partir da luta dos movimentos sociais, por isso tem sido acompanhada de um intenso processo de investigação e sistematização das concepções e práticas formativas por elas propostas, e contém uma matriz bastante diferenciada tais como: “a redefinição das funções sociais da escola, formação que parte de especialidade dos sujeitos, ressignificação da relação entre Educação Básica e educação superior , formação iniciada e continuada e a relação entre teoria e prática”. (MOLINA, 2017, p.591).

Entende-se que um dos diferenciais dessa matriz diz respeito à origem: foram as experiências formativas acumuladas pelos trabalhadores rurais, especialmente pelos Movimentos dos Trabalhadores Rurais (MST), nas lutas pelo direito à terra e a educação, que possibilitaram o acúmulo de forças que levou à elaboração e implantação dos cursos.

Ao analisar a estrutura do curso, atualmente encontra-se com 15 turmas sendo nove formadas e seis em formação.

3.2 Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com seis estudantes das turmas Ganga Zumba e Maria Carolina de Jesus do curso de Licenciatura em Educação do Campo, mães que enfrentam desafios para permanecer na Universidade.

3.3 Instrumento da Pesquisa

Compreendem-se como instrumento da pesquisa toda forma de acessar informações que contribuirão para consolidar a pesquisa. Assim, o presente trabalho utilizará como instrumento a entrevista e roda de conversa. Para Soriano (2003) a “entrevista estruturada ou dirigida é usada quando não se dispõe de suficiente informações sobre certos aspectos que interessa pesquisar, ou quando não se pode obter a informação mediante outras técnicas” (SORIANO, 2003P 153).

Se o objetivo é analisar a organização social da comunidade, a entrevista estruturada a fontes-chave seria a técnica adequada para se obter informação sobre esse tema, mas isto não implica que se dispense o uso de outras técnicas para complementar ou consolidar os dados obtidos, como, por exemplo, a observação ordinária ou participante ou a aplicação de uma enquete. Assim com a observação a entrevista estruturada a fontes-chaves é possível obter informação que permita estruturar um marco teórico e conceitual congruente com a realidade em estudo (SORIANO, 2003, p. 153).

Por essa razão a entrevista semiestruturada é um dos instrumentos utilizados na pesquisa de campo para levantamento de informações sobre os desafios das mães da turma Ganga Zumba e Maria Carolina de Jesus, da Licenciatura em Educação do Campo. Onde foram elaboradas perguntas relacionadas aos desafios das mulheres mães em permanecer na Universidade, questões ligadas à vida. Segundo Soriano (2003), para aplicar a técnica de entrevista estruturada, o pesquisador tem que criar um relacionamento de confiança com a fonte para garantir, tanto quanto possível, a veracidade dos dados colhidos (SORIANO, 2003, p. 154):

A informação obtida por meio dessa técnica serve para analisar o problema no enfoque principalmente qualitativo, tanto pelo tipo de pergunta (muitas gerais) quanto pelo pequeno número de pessoas entrevistadas. Depois de analisada e resumida, a informação se juntará àquela que foi obtida mediante outras técnicas.

Por meio da técnica de entrevista estruturada pode-se buscar confiança entre a entrevistadora e a entrevistada, aspecto relevante para desenvolver um roteiro de entrevista que envolva perguntas produtivas sobre mulheres mães na sua trajetória acadêmica. Para Soriano (2003), quando o conhecimento sobre a situação ou o grupo que se deseja estudar é superficial e não se conta com informação suficiente

para estruturar devidamente uma guia de entrevista, existe o recurso de elaborar um roteiro geral a fim de orientar a entrevista.

Nesse caso é preciso ponderar que a inclusão de muitas questões que interesse ao pesquisador especialmente a fonte mostra grande disposição a ser entrevistada e ter abundantes informações e experiência relacionada ao tema pode dificultar a análise da informação colhida.

É de suma relevância que a entrevistadora busque perguntas relacionadas com a situação da entrevistada.

3.2.1 Resultados e análise dos resultados da pesquisa

Neste tópico apresenta-se os resultados da pesquisa e a análise da pesquisa, baseados nas respostas dos participantes da pesquisa.

3.2.2 Entrevista com a professora Elizana

Quadro 1: Como a Ciranda dialoga com o curso de Licenciatura em Educação do Campo?

O diálogo se dá pelo envolvimento dos estudantes no espaço da Ciranda, seja pela sua manutenção, limpeza e funcionamento. Por parte do corpo docente, ainda precisa avançar, temos uma coordenação coletiva, formada por 3 professoras. Entretanto, essa coordenação não se renova e não há outros docentes que se propõem a contribuir nesse coletivo.

De acordo com a resposta da professora Elizana, percebe-se que há necessidade de renovação na coordenação e também de voluntários que desejam fazer parte da Ciranda Infantil LEdoC/UnB, essa necessidade tem como prioridade ampliar e manter a Ciranda de forma que a mesma não fique estagnada e possa atender as crianças e as mães de forma significativa.

Quadro 2: Como é a participação das mães e pais na Ciranda?

A Ciranda sempre teve uma participação ativa das mães e pais, com raras

exceções, a Ciranda mantém um calendário de reuniões onde tem a participação do coletivo da Ciranda (pais, mães, educadoras, voluntários e coordenação) onde tratamos de assuntos como funcionamento, limpeza, escala de estudantes, lanche coletivo e outros.

Na fala da professora nota-se que os pais e mães participam efetivamente da Ciranda. Ao acolher as crianças a equipe toda cuida para que a mesma seja um espaço de garantia ao acesso aos conhecimentos acumulados historicamente pela humanidade e que os pais e mães se envolvam em um espaço-tempo, visando o diálogo com os objetivos da Ciranda.

Quadro 3: Quais os desafios da Ciranda em relação ao curso e em relação às mulheres mães?

A Ciranda ainda precisa avançar muito, no movimento social ela é mais um espaço formativo para crianças e educadores. Na LEdoC, por alguns períodos, foi tratada como um serviço oferecido e com isso a relação dos pais, mães e estudantes ficou dificultada. Hoje, devido à nova configuração da Ciranda, com menos educadores externos, a Ciranda passa a ser responsabilidade dos estudantes também. Com isso, a relação muda, os estudantes começam a ver a Ciranda como algo que pertence a eles. Esta relação se fortalece dentro da sala de aula, quando por necessidade as mães precisam levar os filhos para a sala e a colaboração dos estudantes fica evidente. Ainda temos muito que avançar, o nosso espaço é limitado, não temos a colaboração de profissionais como pedagogo, psicólogo, pediatra e nutricionista. Temos poucas vagas e não conseguimos receber todas as crianças, não conseguimos avançar numa proposta pedagógica com as crianças.

Com as práticas da Ciranda, o que se propõe é o desafio de ampliar o entendimento do que é ser criança e criança do campo, do que é ser criança pequena, um ser de direitos que deve ser ouvido, atendido, respeitado enquanto ser que se desenvolve enquanto ser mais em possibilidades e potencialidades, portanto é necessário que o projeto da Ciranda seja ampliado em todos os sentidos para que se possa atender um número maior de crianças e mães.

3.2.3 Pesquisa realizada com as mães ledoquianas

Quadro 4: Como Você concilia a maternidade ser mulher e estudante ao mesmo tempo na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC)?

Mães	Respostas
A	Uma tarefa muito difícil, onde surgem vários obstáculos no caminho. Mas o sonho em concluir o ensino superior é maior.
B	É muito difícil para mim, alguns semestres tive que trazer meu filho, pois estava amamentado, o outro ficava em casa com meu marido, eu só via ele com 60 dias, muito sofrimento e preocupação.
C	É necessária muita organização do tempo, embora o meu esposo seja um grande auxiliar nesse processo.
D	É complicado para mim, tive que levar minha filha, mas compensa.
E	Difícil, mas é só se organizar que dá para conciliar.
F	Complicado.

De acordo com as respostas dadas pelas mães ledoquianas é difícil e complicado conciliar o papel de mãe com o papel de estudante, mas elas se organizam, levam as crianças para a Ciranda Infantil e seguem em busca do término do curso superior, perseguem esse sonho com todas as forças e se mantêm no curso.

Quadro 5: Você trouxe seus filhos para LEdoC? Por que?

A	Sim no primeiro semestre. Porque não tinha com quem deixar.
B	Quando eu entrei na LedoC só tinha um filho com 4 anos, deixei em casa, mas

	logo em seguida engravidei do Wesley e tive que trazer para a LEdoC, porque o amamentava.
C	Trouxe somente um filho, pois era pequeno e não tinha com quem ficar, afinal eu e meu esposo estava em etapa na LEdoC
D	Sim. Porque não tinha com quem deixar.
E	Sim. Porque estava amamentando.
F	Sim. Por não conseguir ninguém para ficar com ele.

Todas as mães entrevistadas já levaram os filhos na Ciranda, por motivos parecidos, não tinham com quem deixar ou estavam amamentando. A Ciranda para essas mães tem sido o suporte necessário para que as mesmas consigam dar continuidade aos seus estudos, todas se esforçam para que possam concluir o curso superior em Educação do Campo.

Quadro 6: Quais as dificuldades encontradas ao trazer seu filho ou filha para LEdoC?

A	As dificuldades encontradas são várias, mas uma das principais é conciliar os trabalhos das disciplinas e cuidar das crianças ao mesmo tempo.
B	As dificuldades encontradas eram, não ter ninguém para me ajudar durante o tempo estudo e alimentação.
C	A maior dificuldade foi à falta de tempo, não conseguia realizar meus trabalhos com qualidade, não é fácil ser mãe, estudante ao mesmo tempo.
D	Conciliar as atividades acadêmicas e cuidar da criança ao mesmo tempo.
E	A dificuldade principal é a de realizar os trabalhos acadêmicos e cuidar do meu

	filho.
F	Prestar atenção nos conteúdos e cuidar da criança.

As mães apontam que a maior dificuldade encontrada é conciliar os trabalhos acadêmicos e cuidar de seus filhos ao mesmo tempo. Essas dificuldades que as mães enfrentam são fora do tempo das aulas, quando as crianças ficam na Ciranda. O que demonstra a importância da Ciranda Infantil para as mães ledoquianas durante o curso.

No tempo estudo, alimentação e outros afazeres, as crianças estão com as mães.

Quadro 7: Como ficou a relação familiar (companheiro, pais e filhos) ao ingressar na LEdoC?

A	No começo a minha relação com minha família foi meio complicada, a distância dificultou bastante essa relação. Mas, com o passar do tempo foi melhorando, minha mãe sempre me apoiou nessa jornada universitária. Minha mãe ficou com meu filho em todas as etapas onde houve necessidade.
B	A minha família, companheiro e filho sempre me apoiaram, eu não tive nenhum conflito com eles.
C	A relação mais afetada foi com meu filho mais velho, pois nas duas etapas ele ficou longe de mim.
D	Não tive problemas com a relação familiar, todos me apoiaram.
E	No início ficou complicada a relação com meu esposo, mas com o passar do tempo ele compreendeu e passou a me apoiar.
F	A relação complicou com meus filhos que

	não entendiam minha ausência.
--	-------------------------------

Com apenas uma exceção, todas as mães tiveram complicações familiares quando entrou na LEdoC, algumas com os filhos outras com o companheiro, mas nenhuma desistiu de buscar sua formação superior.

Quadro 8: Quais foram suas primeiras impressões ao deixar a criança na Ciranda Infantil?

A	Minha primeira impressão em deixar meu filho na Ciranda foi de insegurança, pois ainda não conhecia os cirandeiros, era um espaço novo para meu filho.
B	Eu fiquei muito preocupada, ele tinha só 10 meses de idade, era totalmente dependente de mim, tinha também um receio das outras crianças mais velhas machucar ele, pois ele não andava e não falava ainda. Eu estava sempre ali para ajudar na adaptação dele na Ciranda.
C	Tive uma boa impressão da Ciranda assim que cheguei na LedoC.
D	Uma boa impressão.
E	Fiquei ansiosa por ter que deixar meu filho, mas logo percebi que era um espaço maravilhoso.
F	A impressão foi boa.

As respostas dadas pelas mães divergem, algumas ficaram inseguras e outras tiveram uma boa impressão da Ciranda. Em conversa informal todas as mães disseram que a Ciranda foi uma salvação para que elas pudessem continuar seus estudos, sem a Ciranda não teriam conseguido conciliar todas as atividades

inerentes ao curso. A Ciranda é além de um espaço educativo, também é um espaço de educação, recreação e cuidados.

Quadro 9: Como era sua relação com os educadores infantis?

A	Minha relação com os educadores infantis sempre foi muito boa, depois de conhecer o trabalho deles passei a admirar mais ainda.
B	A minha relação com as cirandeiras era muito amigável, eu sempre ajudava elas durante a adaptação do meu filho e das outras crianças que estava na Ciranda, sentia a obrigação de ajudar, pois tinha muita criança e era muita sobrecarga para as cirandeiras.
C	Sempre tive uma boa relação com todos.
D	Uma ótima relação.
E	Muito boa.
F	Uma relação de confiança e apreço.

Todas as mães ledoquianas disseram que a relação com os educadores infantis está entre boa e ótima. O que revela a importância desses profissionais para essas mães, sem esses educadores muitas não teriam condições de dar continuidade aos estudos.

Quadro 10: Quais os problemas vivenciados na Ciranda?

A	Um dos problemas vivenciados na cirando é o espaço limitado para muitas crianças, elas se sentem presas, muitas delas vivem em espaço rural, onde tem bastante liberdade para correr.
B	Falta constante das Cirandeiras, pequeno espaço para as crianças brincar e falta de

	ferramentas para preparar o lanche.
C	Nunca tive problemas.
D	Falta de espaço físico.
E	Falta de espaço para as crianças.
F	Espaço físico limitado.

A maioria das mães respondeu que o problema mais vivenciado na Ciranda é a falta de espaço físico adequado, limitando assim as crianças em espaço muito pequeno, torna-se necessário que este espaço seja ampliado para um melhor atendimento e acolhimento das crianças dessas mães ledoquianas.

Quadro 11: Qual o papel da Ciranda Infantil na LEdoC?

A	O papel da Ciranda Infantil é cuidar das crianças para as mães estudarem.
B	A Ciranda tem um papel fundamental para ajudar as mães na sua formação à docência.
C	A Ciranda é fundamental, para que mães possam ter acesso ao estudo sem ter que abrir mão de seus filhos.
D	É fundamental para que as mães consigam estudar.
E	O papel da Ciranda além de proporcionar o tempo para que as mães estudem, também é o de acolher, brincar e educativo.
F	É o de cuidar, acolher, acompanhar seus estudos, compartilhar experiências.

Todas as mães responderam que o principal papel é o de cuidar das crianças enquanto as mães estudam, mas também ressaltam que o papel também é o de acolher, brincar, educar e afetivo. Pois, a Educação Infantil do Campo como direito depende da luta, é um caminho a ser trilhado. A oferta da Educação Infantil é um

direito. A criança necessita de cuidados e educação. A intencionalidade da Cirando da LEdoC, busca contemplar esses aspectos na sua proposta, por entender que estão enraizadas na luta pela terra, na cultura.

CONCLUSÃO

O Curso de Graduação em Licenciatura em Educação do Campo atende à demanda formulada pelo Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Superior (SESU) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), endereçada às Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, através do Edital 02/2012.

O referido curso foi criado com o objetivo de formar educadores para atuar nas escolas de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da Organização Escolar e do Trabalho Pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

O Curso atua na formação e habilitação de profissionais para atuação nos níveis fundamental e médio que ainda não possuem a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, que estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. Acolhe, ainda, jovens e adultos do campo que desejam atuar na educação.

O curso visa contribuir com a preparação de educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, incluindo a gestão dos processos educativos que acontecem na escola e também no seu entorno, através da formação simultânea também para a gestão de processos educativos escolares e processos educativos comunitários.

A Ciranda Infantil LEdoC/UnB veio ao encontro das necessidades das mães estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Sem a Ciranda tornar-se-ia praticamente impossível para algumas mães cumprirem as etapas do curso.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo LEdoC, enquanto proposta de atendimento e formação para as populações do campo, busca oferecer aos seus estudantes as condições adequadas para que possam permanecer adequadamente alojados durante o Tempo Universidade. Em muitos casos são mães estudantes que não podem deixar seus filhos, ou por serem pequenos, ou porque não existem condições de deixá-los na comunidade.

Inspiradas na tradição dos movimentos sociais, de incorporar as mães, juntamente com seus filhos nas tarefas coletivas, alguns professores do curso, com

o apoio da direção da Faculdade, implementaram, através de um projeto de extensão, a Ciranda Infantil para acolher as crianças enquanto as mães estão em aula.

A Ciranda pretende ser um espaço de pesquisa e extensão que possa contribuir na formação dos/as educandos/as da LEdoC e também proporcione uma formação continuada de cirandeiras/educadoras, tendo em vista que todo ano ingressam estudantes na LEdoC que necessitam do seu atendimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro S., Guisande, M. Adelina, Soares, Ana Paula, Saavedra, Luisa, **Acesso e sucesso no Ensino Superior em Portugal: Questões de gênero, origem sociocultural e percurso acadêmico dos alunos**, *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19 (3), pp. 507-514, 2006.

AMÂNCIO, Lígia e Oliveira, João Manuel, **Liberdades condicionais: o conceito de papel sexual revisitado**, *Sociologia. Problemas e Práticas*, 40, pp. 45-61, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 2006.

ARENHART, Deise. **A mística, a luta e o trabalho na vida das crianças do assentamento conquista na fronteira: significações e produções infantis**. 2003. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação - UFSC.

ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira [et. al.] organizadoras. **Oferta e demanda de educação infantil no campo**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. **A reversão do Hiato de Gênero na educação brasileira no século XX**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/277>. Acesso em: 21 ago. 2019

BRASIL. **Censo Escolar da Educação Básica 2016: notas estatísticas**. Inep/MEC, 2017.

_____. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB n. 36, 04 de dezembro de 2001**. Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, Brasília, DF, de 03 de abril de 2002.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 31.07.2017

_____. SECAD: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas**. 81 p. Brasília – DF – março de 2007.

CEZÁRIO, Neuza Maria dos Santos. **Ciranda infantil e a formação de Educadores do Campo: a experiência da UnB/Planaltina**. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em Educação Campo Faculdade UNB Planaltina - FUP Universidade de Brasília. 2015.

CLADEM, et al. **Estudo analisa mulheres e negras na educação brasileira**. 2016. Disponível em: <http://jornalggn.com.br/noticia/estudo-analisa-mulheres-e-negras-na-educacaobrasileira> Acesso em 31.07.2017

FAUSTINO, Nelma Ferreira. **A trajetória da mulher brasileira em busca de educação**. São Paulo: Cortez, 2014.

FARIAS, Wender e Farias, Magno Nunes, **Inclusão de mulheres camponesas na universidade: entre sonhos, desafios e lutas**, Educ. Pesqui., São Paulo, v. 43, n. 3, p. 833-846, jul./set., 2017

FERREIRA Novellino, Maria Salet, **Um estudo sobre as mães adolescentes Brasileiras**. Physis - Revista de Saúde Coletiva [en linea] 2011, 21 (Enero-Marzo) : [Fecha de consulta: 23 de agosto de 2019] Disponible en:<<http://ucsj.redalyc.org/articulo.oa?id=400838231018>> ISSN 0103-7331 Acesso em 31.07.2017

FONTAINE, Anne Marie, Andrade, Cláudia, Matias, Marisa, Gato, Jorge e Mendonça, Maria, **Reflexões acerca da conciliação entre a vida familiar e profissional: o Projecto Famwork**, Revista Ex-aequo, 11, pp. 97-108, 2004.

FONTES, Marcelo Rezende. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2013.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Conscientização – Teoria e Prática da Libertação, Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**, S. Paulo, Editora Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. Coleção Leitura. 1996.

GELEDÊS, Instituto da Mulher Negra, **Um olhar sobre as mulheres negras e o ensino superior no Brasil**, 04/jul 2014, Disponível em: <https://www.geledes.org.br/um-olhar-sobre-mulheres-negras-e-o-ensino-superior-brasil/> Acesso em: 21 ago 2019

KUHLMANN, Moysés Jr. **Infância e educação infantil: Uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998, 209 p.

PALUDO, Conceição e DARON, Vanderleia Laodete Pulga. **Movimento das Mulheres Camponesas (MMC BRASIL)**. In Dicionário da Educação do 68 Campo. Organizado por Roseli Salet Caldart, Izabel Brasil Pereira, Paulo Altejano e Gaudêncio Frigotto.3. ed. 3 reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

PASSAMAI, Gislaine de Lima, SILVA, Joice Ribeiro Machado da. **A História da Educação Infantil**, Revista Científica Eletrônica do Curso de Bacharelado em Turismo, Faculdade de Ciências, Ano VII, Número 13, Janeiro, 2009. Disponível em http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/wLWD9GTfD1VmODz_2013-6-28-15-56-4.pdf acessado em 6/8/2019.

PEREIRA, Mariana (Mariana-Villas-Boas). **As lutas das mulheres negras pelo direito à educação**. 2015. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/As-lutas-das-mulheres-negras-pelo-direito-a-educacao> Acesso em 31.07.2017

RECK, Jair. **Abordagem psicossociológica da consciência política construída através da cooperação**. Cuiabá: Ed UFMT, 2013.

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. SILVA, Flávia Tereza da. **Ciranda Infantil**. In Dicionário da Educação do Campo. Organizado por Roseli Salete Caldart, Izabel Brasil Pereira, Paulo Altejano e Gaudêncio Frigotto. 3. ed. 3 reimpr. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

SANTOS, Neuza Maria Cezário dos. **Ciranda infantil e a formação de Educadores do Campo: a experiência da UnB/Planaltina**. Trabalho de conclusão de curso. Licenciatura em Educação Campo Faculdade UNB Planaltina - FUP Universidade de Brasília. 2015.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru, SP: Edusc. 2001.

MEDEIROS, Maria Osanette de (Org.); CARVALHO, Leila Lôbo de (Org.); TRINDADE, Domingos Rodrigues; SILVA, Priscila Teixeira da (Org.) . **Sujeitos Do Campo Em Movimento: direitos, resistências e práticas formativas**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018. v. 1. 120p.

VIEIRA, Oscar Vilhena. **Direitos Fundamentais – uma leitura da jurisprudência do STF**. São Paulo: Direito GV/Malheiros, 2006.

Anexo 1 – Questionário



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA UNB
FACULDADE DE PLANALTINA FUP

Roteiro da entrevista

Nome da mãe:

Nome da(s) criança(s)

Ocasões em que esteve na LEdoC. (descreva o semestre, o ano, e a idade da criança).

Comunidade: Cavalcante

Município: **Estado:**

1-Como voce concilia a maternidade ser mulher e estudante ao mesmo tempo na Licenciatura em Educação do Campo (LedoC).

2-Você trouxe seus filhos para LedoC? Porque?.

3-Quais as dificuldades encontradas ao trazer seu filho ou filha para LedoC?

4-Como ficou a relação familiar (companheiro, pais e filhos) ao ingressar na LedoC?

5-Quais foram suas primeiras impressões ao deixar a criança na Ciranda Infantil?

6-Como era sua relação com os educadores infantis?

7-Quais os problemas vivenciados na Ciranda?

8-Como você participou da busca de soluções para esses problemas

9-Qual o papel da Ciranda Infantil na LEdoC?

10-Qual a importância da Ciranda em sua Opinião?

Anexo 2 – Fotos

























